

**BOLETIM
INFORMATIVO
DO CERT**



**MONTANHISMO
CERJ
Amador**

**ANO 52
Nº 514
DEZ 90**

Diretoria

Período 21/01/90 a 20/01/92

Presidente: Cláudio Vieira (Claudinho)

Vice-presidente: Giuseppe Pellegrini

Secretário: Ricardo Borges

1ª Tesouraria: Manoel Rothier

2ª Tesouraria: Everaldo Souza

Diretor Técnico: Reinaldo Pires

Diretor Social: José Muniz

Diretor de Ecologia: Chen Wen-yii (Willy)

Diretor de Divulgação: Ricardo Prado

Presidente do Conselho Deliberativo: Cláudio Haitz

Presidente da Assembléia Geral: Filipe Alvarenga

Conselho Fiscal:

Francisco Barreto

Oswaldo Pereira (Santa Cruz)

Waldinar Menezes (Vavá)

Equipe de Apoio:

Salomith Fernandes (cantina)

Gustavo Mello (butique)

Cristian Costa (almoxarifado)

Ponto de Encontro

Este relato tem por finalidade conscientizar da importância do comparecimento ao ponto de encontro de uma excursão programada.

Na reunião social do último 13 de setembro, quinta-feira estavam todos pessimistas com relação ao bom tempo no fim de semana, pois acabara de chegar uma forte frente fria proveniente do sul, com muito vento e já alguma chuva e frio. O guia da excursão à Passagem da Neblina no P.N.S.O. deixou claro aos participantes da dita excursão que estaria presente ao ponto de encontro na Rodoviária Novo Rio à 5:30 da manhã de domingo qualquer que fosse o tempo.

No sábado choveu muito o dia inteiro, novamente melhorando do início da noite. Ao despertar na madrugada de domingo haviam muitas estrelas, o que animou bastante. Infelizmente só compareceram seis dos dezesseis participantes inscritos, talvez por haverem acordado cedo para uma breve olhadela pela janela. Os demais não sabem o que perderam.

Na estrada para Teresópolis não havia uma nuvem no horizonte para todos os lados. Da entrada do parque visualizavam-se nuvens sobre a cidade e ao longo da subida em direção ao abrigo estas nuvens foram subindo conosco, o que nos deixava um pouco apreensivos com a possibilidade

de chuvas ou mesmo quanto a visibilidade no cume das montanhas ao longo da caminhada.

Mas como agradecimento ao otimismo daqueles que acreditaram e abriram os olhos bem cedo, lá estavam as nuvens descortinando belíssimas paisagens uma atrás das outras, o que nos impunha muitas e muitas paradas para alimentar os corações de tantas emoções agradáveis.

E não era só o visual. E a água límpida, fresquinha por toda parte? E o ar puro e acariciando a nossa pele? E a temperatura levemente fria que nos dava a sensação de caminhar e caminhar sem cansar? E o piso dos caminhos surpreendentemente quase secos e macios pelas folhas caídas das árvores ou os musgos qual tapetes silenciosos? E os cantos dos pássaros e as flores com seus coloridos por toda parte com suas alegrias primaveris? E os companheiros com os corações tão cheios de serenidade e almas tão cheias de paz?

Para sentir e responder a tantas perguntas só mesmo aqueles que acreditaram e compareceram ao ponto de encontro e lá estavam. Pena que tão poucos, que tão poucos pareciam até muito especiais para merecerem tais dádivas da montanha.

Reynaldo Pires Ferreira

BOLETIM DE MONTANHISMO

CERJ



Sócios em Atraso

A principal função que tenho exercido na Secretaria do CERJ desde que a assumi têm sido a organização do cadastro de informações relativas a nossos sócios. Isto inclui a ordenação das propostas de admissão recentes, com conseqüente registro dos sócios novos, além da confecção de suas carteiras. É também da alçada da Secretaria a redação de atas das reuniões de Diretoria, Assembléia Geral e Conselho Deliberativo.

Uma tarefa importante que foi levada a cabo neste quase primeiro ano de mandato foi a efetuação do recadastramento de todos os sócios, ou seja, a atualização de dados como telefone e endereço, para que a Diretoria do Clube possa manter um laço entre o CERJ e seus sócios, mesmo que apenas por correspondência. Portanto, peço àqueles que mudaram de endereço e/ou telefone que entrem em contato comigo de modo a manter atualizado seu registro.

Ao longo deste ano, ingressaram no Clube 67 sócios novos. Além disso, comunicamos que no dia 31/12/90 todos os sócios contribuintes que estiverem atrasados mais de 6 meses no pagamento das mensalidades serão desligados do quadro social. Lembremos que, estatutariamente, este período é na verdade de 3 meses. Porém, como o prazo para a atualização dos pagamentos será de apenas 2 semanas, foi decidido pela Diretoria dilatar o limite de tempo para o desligamento. A relação abaixo contém os sócios contribuintes que serão desligados caso não regularizem sua situação no CERJ.

Ricardo Borges

Lista dos sócios contribuintes (74 no total) que no dia 31 de dezembro completarão 6 meses de atraso nas mensalidades, sendo passíveis de desligamento caso não regularizem sua situação:

A

Alberto Goldenberg, Alexandre Araujo Barbosa, Alexandre Baldessarini, Alexandre Festas Mendonça Silva, Alexandre Pereira de Faria, Alexandre Rosa, Alice Aparecida dos Santos, Anna Beatriz B. Ribeiro, Arthur Haerdy Junior, Ary Sergio Sabatino Ramoa, Augusto Calisto Ribeiro Filho.

B

Bernardo Antonio Monteiro, Breno Gradel Ferreira.

C

Carlos Alberto Campos de Lima, Carlos Alberto Marinato, Carlos Ernesto G. Medeiros, Carlos Eugenio Alves da Silva, Cátia de Oliveira Marques, Cláudia Campos, César Machado Domingues.

E

Eduardo Buarque de Alcazar, Egeu Laus Simas, Elisabette Netto de Lira, Elisabeth Cunha Penna de Moraes, Elmiro de Carvalho Mendonça.

F

Filomena Pereira Fernandes, Flávio Carneiro Pinheiro, Francisco Carlos Alves de Sant'anna, Francisco Vieira Christão.

G

Gustavo Cerqueira Siciliano, Gustavo Hess de Negreiros, Gustavo Magno Costa e Silva.

H

Hugo Vieira Filho.

I

Ivan de Macedo Dias.

J

Júlio Belmiro Dias, Júlio César da Silva.

L

Leonardo Lajterer, Luís Aimbinder.

M

Marc Olivier Airan, Marcelo Mendonça, Márcia Bezerra, Marco Antônio da Silva Alves, Marcos Toledo Ferraz, Maria Aurecy de Menezes, Maria D'Assunção, Maria de Fátima dos Santos, Maria Fernanda Auler da Cunha, Maria Terezinha N. dos S. Guimarães, Mário Alvin Richards, Mário Mé dici Poubel, Michel Italo Machado de Amorim, Moisés Chaves Neto, Mônica Barbosa Soares.

O

Omar Manne, Otávio Miguez da Rocha Leão

P

Paulo Sérgio L. Reis.

R

Regina Lúcia S. Vasconcellos, Reinaldo Sotão Calderaro, Ricardo Nery Martins, Roberto Vasques, Rommel Pinto da Luz de Souza.

S

Sérgio Cardozo Froes, Sérgio Gentil Porto, Sérgio Lima da Silva, Simone de Almeida Costa, Solange Eddé, Sylvia Lúcia Gonçalves Estrella.

T

Tânia Heroína Machado, Teresa Rodrigues Serradas.

V

Vítor Alexandre Medeiros de Santa Maria, Victor Luis de França Machado.

W

Wagner Marcondes Durães, Wilton Chavier dos Santos Júnior.

Os sócios que desejarem regularizar sua situação procurem a Tesouraria o mais breve possível..

.....

Conhecer o Brasil

A Conquista do Dedo de Deus e o seu panorama atual

A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens; só há um caráter verdadeiro: o das relações humanas.

Antoine de Saint-Exupéry

A conquista do Dedo de Deus pode ser considerada como um marco inicial do montanhismo em nosso país. Há setenta e oito anos atrás, vejam quanto tempo, cinco valorosos homens (tendo como líder o ferreiro Teixeira) sem conhecimentos formais de montanhismo, nem recursos, pois eram pessoas simples, não se deixaram intimidar pela arrogância estrangeira, que afirmara ser impossível a conquista, e aceitaram o desafio.

Hoje provavelmente a imprensa seria previamente acionada para notificar o "extraordinário feito" e seria dado a eles os tão almejados 5 minutos de sucesso a que todos terão direito. Contudo, sem buscar louros, sem os aprimoramentos técnicos atuais, sem contar nem mesmo com todos os recursos disponíveis na época e, sobretudo, sem nenhum tipo de mecena, empresário ou governante que os financiasse, eles conquistaram uma via que até hoje oferece dificuldade para quem quer que seja.

Qual o sentimento que os motivou? Uma coisa é certa, não enriqueceram a custa disso, tampouco viveram de glórias passadas. E hoje em dia, que ímpetos motivam os conquistadores?

É nesse mesmo Dedo de Deus que nota-se o desenvolvimento de um triste quadro

para o montanhismo. É cada vez menor o número de clubes que atingem seu cume. Isso não quer dizer que o mesmo esteja menos frequentado, pelo contrário. Acontece, que cada vez menos escaladores assinam o livro de cume por um clube, paradoxalmente todos são oriundos de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, de um Centro Excursionista. Existem pessoas, que se orgulham em dizer que nunca foram de clube nenhum: estas pessoas, no mínimo, fizeram suas primeiras excursões através de montanhistas formados em C.E.'s.

Mas o que tem a ver a conquista do Dedo de Deus com o fato de, atualmente, ele estar pouco frequentado por C.E.'s?

Ocorre que naquela época os conquistadores, tendo em vista a superação de obstáculos materiais fizeram uso de valores, tais como solidariedade e capacidade transformadora, que atualmente estão um tanto escassos. Foi bebendo desta mesma fonte que o montanhismo amador alimentou seus alicerces. O CERJ neste contexto é um exemplo vivo da atemporalidade destes ideais. Sem negar os nossos princípios, conseguimos comprar uma sede, realizar mais de 180 conquistas em 51 anos, formar mais de uma centena de guias, promover cursos básicos para os novos sócios e muitas outras realizações que só se materializaram graças ao esforço solidário e coletivo dos sócios. É claro que alguns tem posição de destaque nesse processo, mas essas pessoas nada conseguiriam se não tives-

sem respaldo da maioria.

“Como Saturno, a revolução devora seus filhos”, disse certa vez Danton. Inversamente, nos C.E.’s é comum que atualmente certos tipos questionem seus princípios e neguem tudo aquilo que permitiu que se tornassem o que são. Esquecem-se que suas primeiras escaladas foram em paredes cheias de grampos, que a corda era provavelmente do clube e que não tiveram que pagar taxa nenhuma que aumentasse a conta de alguém em particular. Estas “esponjas” desrespeitam a própria casa que os acolheu. Fazem críticas ao caráter amador e não competitivo dos clubes, quando amadoras são, no sentido pejorativo da palavra, suas apologias de profissionalismo e competição. Estas só atendem às necessidades daqueles que querem se promover.

Talvez sejam essas tendências que dão acesso à montanha a certos vândalos. Voltando ao Dedo, quem esperava há 10 ou mesmo há 5 anos atrás que alguém fosse capaz de ato de barbaridade tão grande quan-

to roubar seu livro de cume. Imaginem tamanho ultraje àqueles que deixaram ali um pedaço de si mesmos. Tantas emoções depositadas sob forma de palavras, para que no futuro nossos filhos e netos possam se orgulhar daqueles que os ensinaram, não apenas a escalar, mas a pensar com suas próprias cabeças. Assim ficaria assegurado (como ficou até hoje) a continuidade do montanhismo solidário, amador, verdadeiramente ecológico (ou seja, também humanista) e transformador.

Contudo o livro foi reduzido a sabe-se lá o que. Procurou-se com isso apagar os vestígios daqueles que estes novos montanhistas nunca serão. Até nesse momento há uma inversão de valores: o livro é apenas um meio e não uma finalidade. Nunca conseguirão calar aqueles que defendem suas idéias com convicção. Os ideais representados por Teixeira e seus companheiros estão vivos, e assim permanecerão.

Christian Costa



Conhecer o Brasil

Conquistas realizadas em 1990

No Montanhismo, ao lado do prazer de estarmos sempre retornando aos lugares em que vivemos tantos momentos maravilhosos, obramos juntos também para que novas vias e opções de excursões estejam sendo constantemente abertas. Ao lado de estarmos aumentando o acervo de realizações de nosso Clube, estaremos também estendendo nossos horizontes enquanto pessoas, no convívio entre os companheiros irmanados na superação do desafio técnico e humano que representa a conquista de uma nova via, seja ela uma escalada, trilha ou primazia.

Ao longo do ano foram realizadas, até o momento, 10 conquistas, além de várias regrampeações e melhoramentos. Isto porquê não basta apenas conquistar novas vias, é preciso também conservar as que já existem, o que constitui um ato de respeito para com o legado daqueles que nos precederam. Sabemos o que representa o esforço de uma conquista, muitas vezes estendido ao longo de vários anos, e do que significa a dedicação de tantas pessoas, cedendo parte de suas vidas para que permaneça vivo o montanhismo amador e o espírito pioneiro simbolizado pelos C.E.'s, através do enriquecimento e preservação do conjunto de todas as vias de montanha existentes em nosso país.

Conquistas:



Variante Willy Chen

Localização: Dedo de Nossa Senhora, P.N.S.O.

Conquistadores: Borges, Prado e Santa Cruz

Única investida: 20-jan-90

Paredão de Descida Daniel Alvarenga

Localização: Dedo de Nossa Senhora, P.N.S.O.

Conquistadores: Christian, Sayão, Santa Cruz

Única investida: 23-jan-90

Paredão Wilma Arnaud

Localização: Morro da Babilônia, Rio de Janeiro

Conquistadores: Mário Arnaud e Santa Cruz

(conquista conjunta CERJ-CEB)

Última investida: 31-jan-90

Variante Chatron Backes

Localização: Escalavrado, P.N.S.O.

Conquistadores: Jan Raush e Santa Cruz

Única investida: 13-fev-90

Variante João Marzano

Localização: Morro da Babilônia, Rio de Janeiro

Conquistadores: Abdu, Prado e Santa Cruz

Única investida: 23-jun-90

Variante Tarcísio Rezende

Localização: Pão de Açúcar, Rio de Janeiro

Conquistadores: Abdu, Borges, Christian, Flávio,

Gustavo, Jan, Prado, Santa Cruz e Suzana.

Última investida: 29-set-90 (7 investidas)

Fissura Christian Costa

Localização: São Pedro, P.N.S.O.

Conquistada por Borges, Christian, Filipe, Gustavo, Prado, Santa Cruz e Tarcísio.

Última investida: 27-out-90 (2 investidas)

Paredão Ursinho de Pelúcia

(Pão de Açúcar, Rio de Janeiro)

Conquistada por Mário Arnaud, Maurício Mota e Roberto Groba

(conquista conjunta CEB/CERJ)

Última investida: 18-nov-90

Paredão Sombras Eternas

Localização: Morro São João, Rio de Janeiro

Conquistada por Alexandre Barradas, André Luis e Eduardo Bittencourt

Variante Carpe Diem

Localização : Chaminé STOP, Pão de Açúcar, Rio de Janeiro

Conquistada por Abdu, Borges, Gustavo, Taylor, Christian, Mário Arnaud, Groba, Gerson, Jan, Santa Cruz, Sereno, Holde.

(Conquista conjunta CERJ/CEB)

Última investida : 09/12/90 (4 investidas)

Melhoramentos e Regrampeações

(17 locais sofreram regrampeações e/ou melhoramentos).

Morro da Urca:

Paredão Vermelho (1 grampo batido)

Morro da Babilônia:

Paredão Reinaldo Behnken (1 grampo batido)

Paredão Salomyth (1 grampo batido)

Pão de Açúcar:

Escada de Jacó (1 grampo batido)

Chaminé Gallotti (3 grampos batidos)

Após o Paredão Coringa (1 grampo batido)

Chaminé Stop (2 grampos batidos)

Morro Dona Marta:

Paredão Unicec (2 grampos batidos)

Aguhinha da Gávea:

Paredão José Zaib (2 grampos batidos)

Pedra Bonita:

Paredão Lionel Terray (2 grampos batidos)

P.N.S.O.:

Dedo de Deus (1 grampo batido)

2º Dedinho (2 grampos batidos)

3º Dedinho (3 grampos batidos)

Cabeça de Peixe (1 grampo batido)

São Pedro (2 grampos batidos)

Travessia da Neblina (1 grampo batido)

Dedo de Nossa Senhora (9 grampos batidos)

Teresópolis:

Paredão Tios (1 grampo batido)

Friburgo:

Paredão Mário Arnaud (4 grampos batidos)

C.E. Rio de Janeiro

MONTANHISMO AMADOR

PAREDÃO BENDY
CEB - 1934

PARA O CUME

VARIANTE WILLY CHEN
(cong. 20/1/90)
(CERJ)

CABO DE AÇO NOVO

✓ SUBSTITUIDO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1990 APÓS 4 EXCURSÕES

CABO DE AÇO ANTIGO

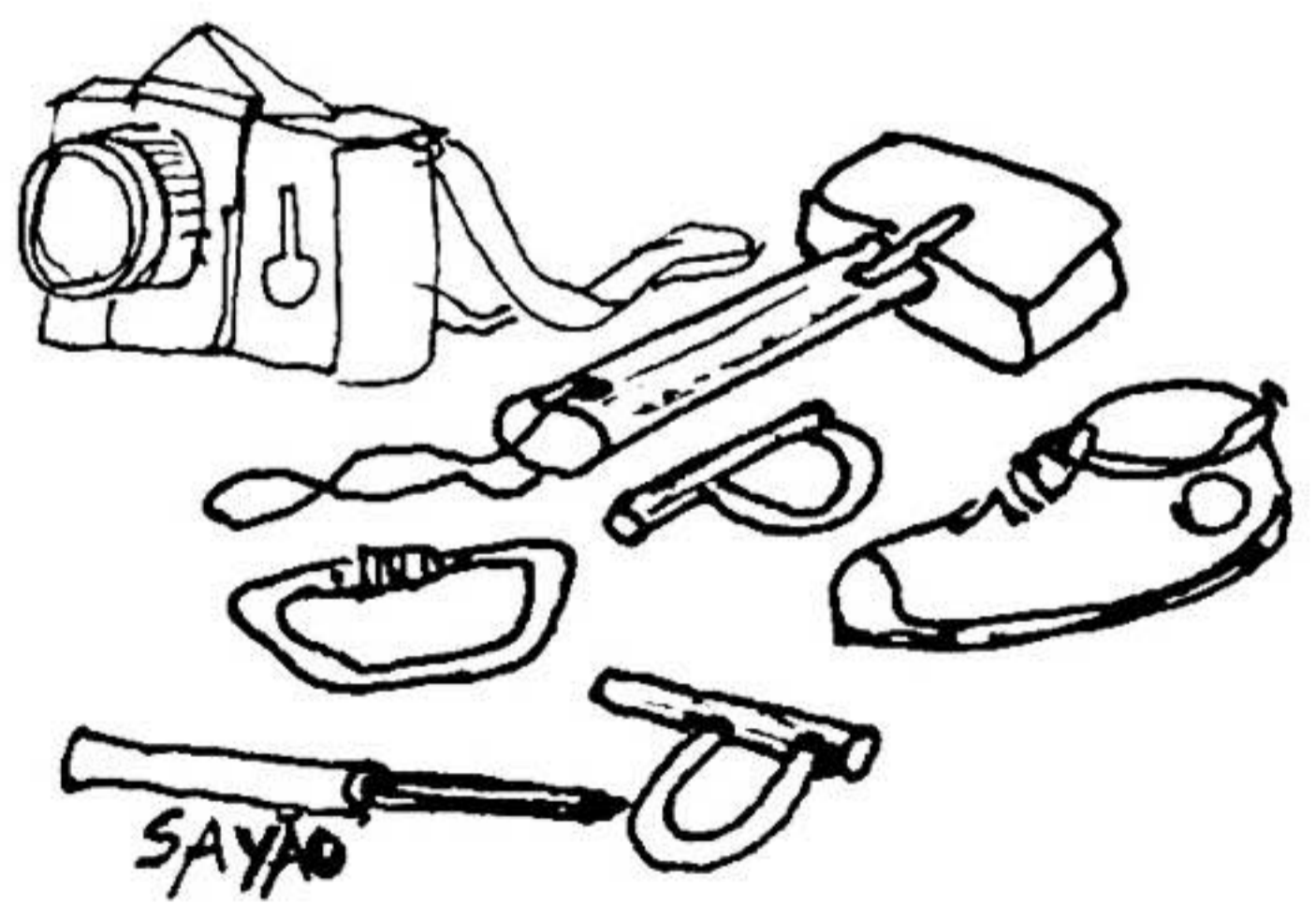
✓ PARTICIPARAM DA SUBSTITUIÇÃO DO CABO 22 PESSOAS

PAREDÃO DE DESCIDA

DANIEL ALVARENGA

- ✓ 23/1/90
- ✓ EXTENSÃO: 180m
- ✓ DISTÂNCIA ENTRE GRAMPOS NÃO EXCEDE A 22m.
- ✓ 10 DESCIDAS c/ 1 CORDA DE 45m.
- ✓ 10 GRAMPOS DE 13mm.
- ✓ 1 INVESTIDA
 - CHRISTIAN
 - SAYÃO
 - SANTA CRUZ

DEPO DE NOSSA SENHORA P.N.S.Q.



BASE



ESCOLA DE GUIAS: FORJA DE LÍDERES CERJENSES

No dia que o CERJ completou 50 anos de existência, o veterano guia Reinaldo Behnken fez uma explanação emocionada sobre a sublime responsabilidade de um guia em uma excursão.

Em qualquer caminhada ou escalada o guia é autoridade máxima. Mas esta autoridade não deve ser vista como algo imposto, pois a liderança do guia deve ser natural, respaldada na sua seriedade e nos seus conhecimentos.

Cada guia aprende isso quando faz a Escola de Guias. Aprende que o montanhismo é muito mais que uma diversão. Aprende como superar os riscos, escalar com segurança e respeitar seus companheiros de excursão. Um guia lida com a natureza e com seres humanos. Ele precisa pensar em todos os detalhes desde o planejamento, organização até a realização da excursão e a redação do relatório para o clube.

Há 17 anos, eu tive a ventura de fazer a Escola de Guias, quando eu era pouco mais do que um menino. Sem exagero, eu posso dizer que foi fundamental para a formação da minha personalidade. Nenhum curso de graduação ou pós graduação trouxe ensinamentos tão importantes e duradouros para a minha vida.

Nesses anos todos fiz muitas excursões, algumas conquistas e o mais importante: amigos de coração. Exerci cargos de Diretoria inclusive a Presidência do CERJ.

Durante os dois anos e meio que estive na Presidência do CERJ, retomamos a formação de guias, paralizada inexplicavelmente desde a E.T.G.E./84.

Com apoio decisivo do quadro social, formamos Filipe Alvarenga e Cláudio Haitz pela ETGE/88. No ano seguinte iniciamos a ETGE/89 e formamos no final da nossa gestão mais um guia: Tarcísio Rezende. Os remanecentes da ETGE/89, Christian Costa, Gustavo Mello, Ricardo Borges e Ricardo Prado, com muita garra e entusiasmo foram graduados guias em 04/10/90, já na atual gestão.

É muito bom saber, que estas pessoas que vimos ingressar no montanhismo, estão desempenhando as mais diversas tarefas em prol do CERJ. Assim a Escola de Guias forja as lideranças para que o CERJ possa prosseguir sua jornada.

José Zaib

Programação Técnica

| Dia | Excursão | Classificação | Guia |
|----------|------------------------------|-------------------------------------|------------|
| 15/12 | Reinaldo Behnken | 3º grau, IIIsup | Gustavo |
| 15/12 | Paredão CEPI | artificial A1 | Borges |
| 15/12 | XV de Novembro | 2º grau, III | Filipe |
| 16/12 | Dedo de Deus | 3º grau, III | Taylor |
| 16/12 | Paredão K-2 | 4º grau, IV | Borges |
| 16/12 | Alcobaça | caminhada pesada | Gustavo |
| 22/12 | Unicec | 3º grau | Borges |
| 29/12 | Travessia da Neblina | cam. pesada com escalada de 1º grau | Santa Cruz |
| 29-30/12 | Trav. Petrópolis-Teresópolis | caminhada pesada | Gustavo |
| 5-6/12 | Agulha do Diabo | 3º grau , IIIsup | Santa Cruz |
| 12/01 | Paredão Zaib | 5º grau, V | Christian |
| 12/01 | Costão do Pão de Açúcar | 1º grau, I | Taylor |
| 13/01 | Pedra Bonita | caminhada leve | Filipe |
| 13/01 | Paredão Salomyth | 3º grau, III | Gustavo |
| 13/01 | Chaminé Stop | 3º grau, IIIsup | Gustavo |
| 19/01 | Escalavrado | 1º grau, II | Prado |
| 19/01 | Paredão K-2 | 4º grau, IV | Taylor |
| 20/01 | Dedo de Deus | 3º grau, III | Christian |
| 26/01 | Variante Tarcísio Rezende | 3º grau, III | Borges |
| 27/01 | Maria Comprida | caminhada pesada | Willy |

Difícil é guiar o Paredão Branco

No seu livro "Terra dos Homens", Saint-Exupéry dedica um capítulo ao Avião, instrumento de seu trabalho. Falando de um companheiro seu ele diz:

"Não importa, Guillaumet, que os seus dias e noites de trabalho se escoem em controlar manômetros, em se equilibrar sobre giroscópios, em auscultar os sopros de motores, em lidar com quinze toneladas de metal: os problemas que se propõem a você são, afinal de contas, problemas de homem, e você atinge sem esforço o mesmo nível de nobreza de um montanhês."

"O uso sábio de um instrumento não fez de você um técnico frio."

Da mesma maneira, os problemas que nos impõe a montanha são, antes de tudo, problemas humanos. Cordas, mosquetões, grampos e o desenvolvimento da técnica não passam de instrumentos de nosso fascínio. São os meios, mas quero aqui discutir os fins.

Qual a finalidade de irmos à montanha, de guiar uma escalada?

Bem, acima da superação de obstáculos técnicos está o conagraçamento das pessoas, o companherismo e o compartilhar dos momentos sublimes que a montanha proporciona. A amizade que se forja nas excursões, nas horas prazerosas assim como nas de dificuldade, leva a um enriquecimento existencial que poucas atividades humanas logram alcançar. Porém, nos dias de hoje, cada vez mais a preocupação passa a ser a questão técnica, fazer escala-

das cada vez mais difíceis. Deste modo cabe aqui uma discussão sobre qual é, no momento, a escalada mais difícil de se guiar.

Quando alguém faz sua primeira escalada é geralmente em uma escalaminhada ou então em uma escalada "fácil", como o Paredão Branco, por exemplo. Tomando gosto pela coisa e a praticando com razoável periodicidade, mesmo não contando com um talento inato, o iniciante pode chegar, num tempo relativamente curto, a fazer uma ascensão de 3º ou 4º grau. Porém, a escala é exponencial. Passar para um 5º grau já exige uma dedicação maior, mas nada que um praticante amador, que escala apenas nos fins de semana, não possa conseguir. Aliás é este (5º grau) o nível técnico mínimo exigido de um guia do CERJ para se graduar Guia Escalador.

Veja bem, um guia de centro excursionista, guiando apenas nos fins de semana, muitas vezes levando novatos em escaladas consideradas fáceis e sem ser excepcionalmente talentoso pode chegar perfeitamente ao 5º grau. Agora, desejando passar disso a coisa começa a mudar de figura, vamos lá que se chegue ao 6º grau.

Hoje em dia já se fala em escaladas de 7º, 8º e 9º graus. O que é necessário para que se atinja este nível?

Bom, para começar eu imagino que seja necessário uma exclusiva dedicação ao aperfeiçoamento técnico. Alguém munido dessa dedicação pode perfeitamente, consumindo seu tempo em treinamentos constantes e realizando apenas escaladas do mais alto grau de dificuldade, atingir este

nível. Porém, a que custo?

Para começar, o tempo que consomem tais treinamentos jamais permitiria ao escalador guiar excursões com pessoas novas, permitindo um acesso mais amplo e de mais pessoas, à montanha. Deste modo o que ocorre é uma elitização da prática do excursionismo. O acesso amplo à montanha ficará vedado pois, a se desenvolver o presente quadro no futuro só terão acesso à montanha os ricos, que podem pagar guias profissionais, e os superdotados, pois não haverá ninguém que inicie as pessoas na prática do montanhismo.

A conclusão é que a presente expansão da preocupação exclusiva com a técnica é incompatível com as preocupações fundamentais concernentes a um Centro Excursionista: a prática coletiva e com segurança de uma atividade lúdica. Preocupar-se exclusivamente com a técnica é uma atitude egoística, não há problema em que se faça individualmente esta opção, apenas ela

não tem nada a ver com os Centros Excursionistas.

Infelizmente cada vez mais pessoas fazem esta opção. É por tudo isso que digo que hoje em dia o mais difícil é encontrar quem tenha a preocupação de compartilhar suas experiências. Levar pessoas novas à montanha, através dos Clubes de Montanhismo, é uma atividade que não promove nem enriquece ninguém.

Guiar uma escalada extremamente difícil, com companheiros que estão tecnicamente num nível tão elevado como o seu, não apresenta, na verdade dificuldades outras que as técnicas. Porém, guiar uma escalada muito fácil, mas com pessoas novas, que estão travando o seu primeiro contato com a montanha, isso sim, apresenta verdadeiras dificuldades, não técnicas, mas humanas, psicológicas e de relacionamento. Ou seja, o mais difícil é guiar o Paredão Branco.

Ricardo Prado



CERJ
Centro Excursionista
Rio de Janeiro
Montanhismo Amador

Hino do CERJ

Nós somos do CERJ
E viemos escalar
A montanha que a todos
Veio desafiar

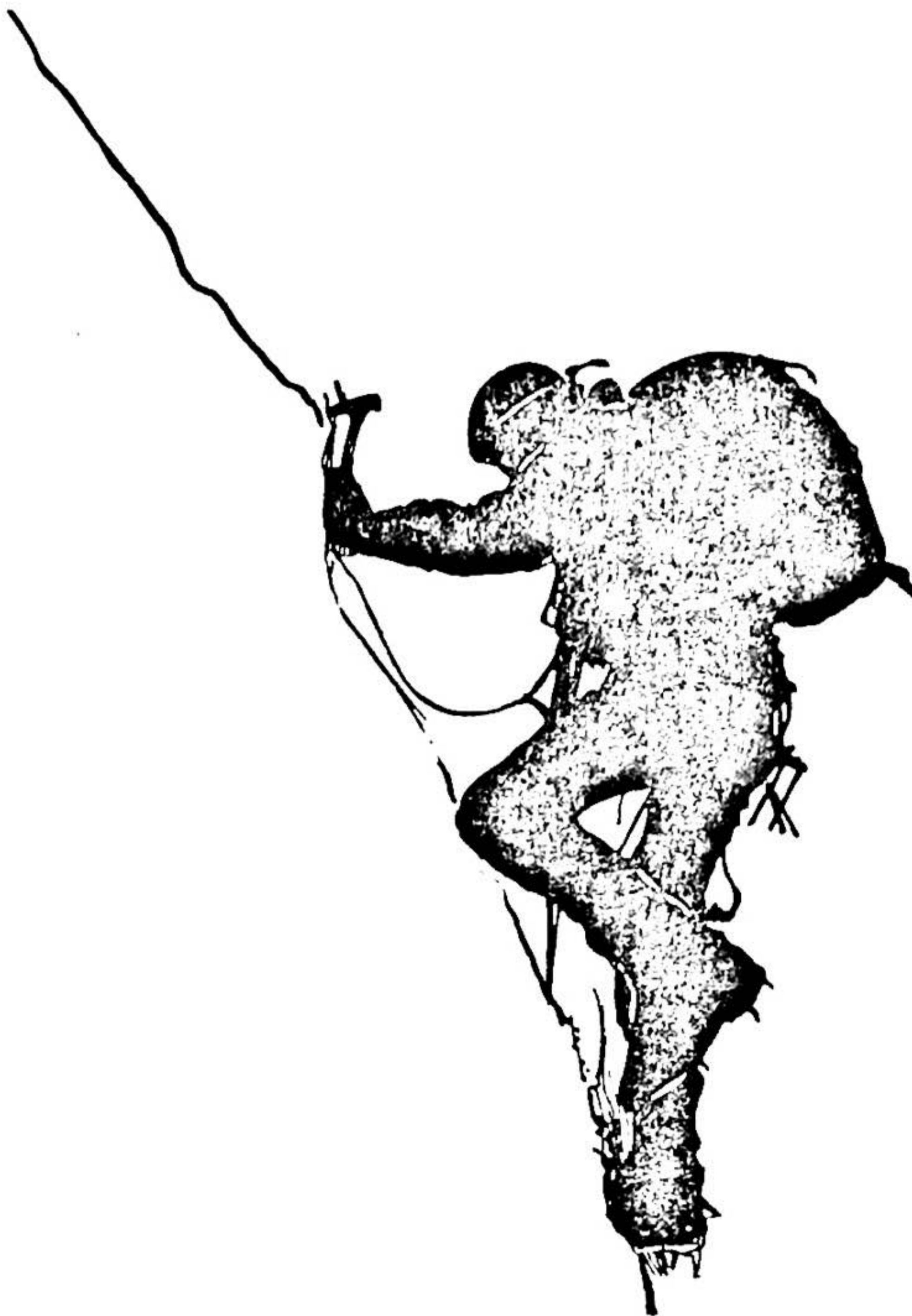
Conosco não há paredões
Conosco não há chaminés
Conosco não há fissuras
Que nós escalamos até

Nos tetos que apareçam
Nós colocamos pitons
E com as escadinhas
Subimos os paredões

E com a corda retesada
E com a corda afrouxada
Subiremos sempre
Sempre a escalar

Nós somos do CERJ
E viemos escalar...

Autoria dos Guias
Etzel e Carrozzino



Hino dos Montanhistas

SALOMYTH

Caminhando pelas matas
Entre rios e cascatas
Mil belezas avistamos
Mil venturas encontramos
E nos picos bem distantes
Ao chegarmos triunfantes
Nossas montanhas nós saudamos
E alegres entoamos

Montanhistas do Brasil
A montanha da vida e união
Estando mais perto do céu anil
Louvamos o nosso torrão



Carta do Sayão

Leia com atenção: *Tão atual quanto em 1985*

Rio, 08 de Março de 1985

Prezados amigos cerjenses.

Acho melhor começar dizendo que há muito tempo não apareço aí no clube — eu sou um sócio do arquivo morto, provavelmente já colocaram na minha ficha o carimbo “falecido”. Tudo bem. Mas existe algo indeterminado, sem localização que me mantém preso a isso que a gente chama de clube. Talvez sejam os amigos — velhos amigos de corda e sertão — as escaladas, as quedas, as brigas, ou quem sabe a ternura violenta das montanhas, incompreensível para a maioria dos bípedes desse planeta, ou vai ver que eu estou mesmo é com saudades; ou é tudo...

Mas no clube existe alguma coisa que me espanta: como é que esse CERJ durou tanto tempo. Numa época louca como a que a gente vive, cheia de signos e emoções meteóricas, terremotos de falsas inovações; num país como o nosso, desmemoriado, onde quase tudo se extingue por mortalidade infantil — gente, idéias, planos, sonhos e clubes de excursionismo, o CERJ continua sobrevivente a crises, enchentes, ditadores e (sobretudo) aos “democratas”.

Há qualquer coisa no CERJ que transcende o espaço físico, os móveis, as prateleiras, os arquivos, os murais, as estantes, a velha máquina de escrever e até as pessoas. Não é nenhuma entidade espiritual ou romântica; é algo tão real como a necessidade de dinheiro para pagar a conta de luz no final do mês, mas é incomensuravelmente, indizivelmente mais importante. Sem isso haveria apenas uma sala, um monte de móveis e um monte de pessoas, elementos que não constituiriam nunca, sem um sopro

vital, o CERJ. Não sei que nome se dá a essa coisa. Talvez seja melhor não dar nome nenhum, pois chamar de filosofia do CERJ pode levar os incautos a confundir com algo estático, elaborado e formal como um estatuto; chamar de tradição — podia ser — mas tradição pode significar também falta de oxigênio, asfixia, morte térmica, chamar de ideologia fica muito político.

O CERJ durante muito tempo se apoiou numa estrutura que poderíamos chamar de familiar. Essa “coisa” era então onipresente, densa, tangível e preenchia todo o espaço e todos os corações, e por isso mesmo ninguém se preocupava com ela. Mas assim meio de contrabando um outro espírito foi se chegando e a “coisa” ficou meio clandestina, quase que subversiva, fora de moda, imperceptível para a maioria.

É o seguinte: já que a presença da “coisa” não é mais espontânea há que se recriá-la e para isso é necessário, é fundamental a formação de guias. Mas não falo de guias que só são técnica e estilo. Técnica e estilo são importantes mas são coisas individuais, pessoais. É preciso criar, recriar algo coletivo que permeie todo o CERJ. Por isso é crucial formar guias humanistas, não, melhor dizer CERJENSES, da escola CERJ, que se confundam com o próprio CERJ, depositários e transmissores da filosofia, tradição, espírito, ideologia do CERJ. Acredito que o melhor seria manter uma escola de guia permanente (por favor não confundam com curso de adestramento) que fosse o ponto de referência, o marco ideológico que estudasse e formalizasse, mantivesse essa coisa que, apesar de tudo, mantém o clube existindo.

Um abraço.

Sayão.

Montanhismo e Condição Humana

*“Dois caminhos bifurcaram-se num bosque,
e eu tomei o menos percorrido,
e isto tem feito toda a diferença”*
(Robert Frost)

*“A competição obtém o melhor dos produtos
e o pior das pessoas”*
(David Sarnoff)

O montanhismo, como a própria sociedade, está em crise. Não se trata de uma crise meramente conjuntural, é uma crise de valores, uma crise de civilização.

Aqueles que estão conscientes da gravidade destas questões, podem dar sua contribuição para que se possa superar a asfixia existencial dos tempos modernos.

O ideograma chinês para a palavra crise é o mesmo que mostra a sua superação. É como se a crise trouxesse em seu bojo, dialeticamente, a sua solução. Mas é necessário primeiro estar consciente de que existe uma crise.

E mais: é preciso pensar e refletir muito, antes de escolher qual o caminho a seguir. Robert Frost nos mostra em belíssima poesia que escolher um caminho pode fechar outros, pois os mesmos podem ser mutuamente exclusivos. Outras vezes, precisamos remar contra a correnteza e dizer Não, quando a maioria passiva diz Sim. Tomar o caminho pouco escolhido pode fazer toda a diferença. Poderá ser a garantia de sobrevivência dos nossos sonhos, mesmo que seja o caminho mais difícil. Generalizando, poderá ser o começo de um novo tempo, rumo a uma sociedade mais livre e

solidária. Alguns dirão que é utopia. E perguntamos: qual é o problema? Não podemos continuar nesta rota de colisão, de uma sociedade industrial de produção e de consumo, que não conseguiu sequer resolver os problemas materiais da maioria da humanidade, quanto mais os problemas existenciais.

O que está em questão é a condição humana e a possibilidade de dignificarmos nossas vidas. A poesia e a reflexão crítica da realidade constituem instrumentos poderosos para que possamos atuar como cidadãos e seres humanos conscientes das nossas potencialidades.

A obra poética de pessoas como William Shakespeare, Fernando Pessoa e Drummond de Andrade são tão importantes, e talvez até mais, quanto os tratados de física de Newton, Maxwell e Einstein. Mas quem está interessado em Shakespeare, Pessoa, ou Drummond? Na sociedade pragmática que vivemos, regida por um paradigma mecanicista-mercantilista, é considerado herético todo aquele que pensa em dar à poesia, às artes, à filosofia, enfim às humanidades, a devida importância.

Não é exagero dizer que existe, na sociedade mundial, uma verdadeira ditadura da técnica sobre a ética. Ou se preferirem, um predomínio do yang sobre o yin, onde deveria haver equilíbrio. No montanhismo há apenas a reprodução desta anomalia. Vemos dentro do Montanhismo pessoas que, na maioria das vezes inconscientemente, reproduzem e até exacerbam as relações doentes da sociedade.

Num país como o nosso, inserido na periferia do capitalismo mundial, compondo com seus vizinhos da América Latina o bloco dos devedores, com gravíssimos problemas econômicos e sociais, chega a ser patético o que acontece em nosso meio. Não estamos em Paris, em Insbruck, muito menos na Califórnia dourada. Vivemos no Brasil e não temos vergonha disso. Amamos, como poderíamos amar o povo de qualquer país. Acontece que nós nascemos no Brasil (ou o escolhemos para ser nosso país) e queremos ajudá-lo a superar seus problemas. Vale lembrar o compromisso social e cívico firmado entre os clubes e C.E's e o Brasil:

"Quereis conhecer as belezas do nosso torrão? Vinde em nossa companhia!"

Centro Excursionista Brasileiro
fundado em 1919.

"Conhecer o Brasil"

Centro Excursionista Rio de Janeiro
fundado em 1939.

*"Conheça melhor o Brasil,
para melhor o amar"*

Círculo Marumbinista de Curitiba
fundado em 1943.

"Terra conhecida, terra amada"

Centro Excursionista Carioca
fundado em 1946.

*"Excursionando, conhecerás melhor
nosso Brasil"*

Clube Excursionista Light
fundado em 1957.

"Caminhando, a gente vai longe"

Centro Excursionista Petropolitano
fundado em 1958.

"A natureza é nosso guia"

Centro Excursionista Guanabara
fundado em 1959.

*"Curta a natureza, praticando
o montanhismo"*

Grupo Excursionista Agulhas Negras
fundado em 1962.

Este compromisso, assumido há décadas, com a natureza, com a alegria e com a vida é a maior prova de que os clubes, desde sua fundação, vêm com a maior importância o seu papel perante a sociedade.

Neste sentido é indispensável que continuemos abertos a todos os membros da sociedade, oferecendo excursões de todas as modalidades possíveis, cursos básicos, e escolas de guias, preservando os padrões de organização e segurança, que fizeram dos clubes entidades respeitadas e de utilidade pública.

Nosso compromisso como guias amadores é com a preservação dos nossos clubes, para que as pessoas possam continuar indo à montanha sem ter que pagar a um guia. Não temos nada a ver com os guias profissionais e seus interesses individuais. O profissionalismo é o caminho mais fácil. Se fossem verdadeiramente montanhistas, prefeririam o caminho mais difícil. Quando um guia é formado sem um sólido embasamento ético, é muito mais fácil encontrar motivos para não mais guiar por seu clube, e passar a cobrar para fazer alguma coisa que poderia ser feita só por prazer. Difícil é continuar espontaneamente, levando pessoas à montanha, semana após semana, ano após ano.

Muitos dos que se profissionalizam, dizem que o fazem porque gostam muito do montanhismo. No meu entender, quem gosta mesmo do montanhismo não pode

concordar que o transformem numa mercadoria, a ser oferecida a quem puder pagar. Há até os que têm a desfaçatez de dizer que o profissionalismo é um agente democratizador no montanhismo. Só se a idéia de democracia estiver restrita às classes dominantes, que podem pagar um guia. Segundo o escritor uruguaio Eduardo Galeano, um dos maiores e mais lúcidos analistas de nossa realidade latino-americana, a democracia e o bem-estar, em nosso continente têm sempre sido e continuam sendo restritos às classes dominantes. Portanto os apologistas do profissionalismo devem procurar justificativas menos altruístas, e assumam de uma vez que fazem escaladas por dinheiro, afinal de contas, é uma profissão como outra qualquer. Se passarem a ser melhor pagos, talvez limpem vidraças em grandes edifícios, ou vão se exhibir em alpinódromos, mas isto não é montanhismo e muito menos é profissional. O Montanhismo, entre outras coisas, pressupõe comunhão com a natureza e muita amizade entre as pessoas. Como desenvolver todas estas relações quando o envolvimento é meramente profissional?

Nós temos a obrigação, no seio dos clubes e enquanto membros deles, de dizer não ao profissionalismo. Caso contrário os C.E's deixarão de ser clubes e passarão a ser empresas, e deixarão de ter sócios para ter acionistas, o que, convenhamos, representa no mínimo uma palpável negação da possibilidade de exercitarmos as facetas mais nobres de nosso espírito.

Felizmente, em todos os clubes, existem os que como nós não desistem de denunciar a descaracterização do montanhismo. Não será com o profissionalis-

mo, com patrocínios ou com competições que o montanhismo irá progredir. O progresso deverá estar sempre associado ao PROGRESSO HUMANO. Apesar da crise, apesar do caminho mais difícil que continuaremos a trilhar, estamos cada vez mais entusiasmados com as infinitas possibilidades que existem para a prática do montanhismo amador nos Centros Excursionistas. O montanhismo amador continuará sendo o caminho mais difícil, mas será sempre uma opção existencialmente transcendental, bastando para isso que as pessoas o descubram na sua plenitude.

O que um montanhista tem a ganhar se adotar o caminho fácil do profissionalismo? A resposta é: muito pouco.

E o que um guia perderia se abandonasse o montanhismo amador? Salvo se recuperar a dimensão humana de outra forma, simplesmente perde sua vida.

Queremos que os clubes de montanhismo amador possam continuar como escolas de vida e cidadania em que o montanhismo seja sublime e transcendental, e não um esporte a mais, com regulamentos a direcionar uma atividade em que tantas pessoas depositaram e continuam a depositar tanto amor e dedicação.

Todos nós que amamos a natureza e queremos compartilhar momentos inesquecíveis com nossos amigos precisamos defender os clubes de montanhismo amador, para que possamos continuar a fazer nossas conquistas como forma de superação, ainda que momentânea, da nossa frágil condição humana.

O Caminho Não Escolhido

*Dois caminhos dividiram-se num bosque,
E triste por não poder tomar ambos
E ser um viajante, permaneci parado longo tempo
E olhei um deles até onde minha visão alcançava
Onde se curvava ao longe;*

*Então tomei o outro, igualmente belo,
E tendo talvez melhores motivos,
Porque tinha muita relva e precisava ser percorrido;
Embora quanto à passagem ali
Ambos tinham sido usados da mesma forma,*

*E ambos naquela manhã igualmente repousavam
Nas folhas não havia pegadas.
Oh, deixei o primeiro para outro dia!
E no entanto sabendo como caminhos conduzem a outros caminhos,
Eu duvidei se algum dia iria voltar.*

*Estou a dizê-lo com um lamento
Em algum lugar, eras e eras atrás:
Dois caminhos bifurcaram-se num bosque, e eu,
Eu tomei o menos percorrido,
E isto tem feito toda a diferença.*

Robert Frost



Montanhismo Ecológico e Humanista

Compareça à Festa de Natal do CERJ.
Dia 20/12, quinta-feira, à partir das 20h.
Não deixe de trazer algo para enriquecer a
nossa ceia!

Impresso

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO
Sede Própria: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
Tel. 220-3548 - Reuniões às Quintas-feiras às 19 horas
CEP 20047 - Rio de Janeiro, R.J.